**ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS:**

**Um olhar para a participação das crianças na construção do espaço.**

*Thayse Polidoro João*

Prefeitura Municipal de Vinhedo

Prefeitura Municipal de Louveira

*Aline Rodrigues Santos*

Prefeitura Municipal de Vinhedo

*Francielle de Sene Lezzo*

Universidade de São Paulo/USP

Prefeitura Municipal de Louveira

 **EIXO TEMÁTICO:** IX – Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional.

**RESUMO**

O presente projeto pretende relatar a experiência individual de uma professora de Educação Infantil e seu grupo de crianças de 2 e 3 anos de idade, na construção e modificação do espaço da sala onde esses cotidianamente estão inseridos. Nessa empreitada temos como objetivos: valorizar a expressão e interação das crianças na construção dos espaços e disponibilizar diferentes tipos de materiais que possam instigar as crianças e seus projetos. As mudanças e interações das crianças nos espaços veem sendo construídos a aproximadamente cinco meses e já podemos observar novas pesquisas e aprendizagens, além de um grande potencial na participação das crianças na elaboração de suas rotinas e projetos.

Palavras-Chave: Participação, Espaços, Experiências.

**INTRODUÇÃO**

Organizar o cotidiano das crianças na Educação Infantil pressupõe pensar quais são as características e demandas das crianças, além de compreender que os espaços e tempos devam ser pensados para o seu melhor aproveitamento e envolvimento. Entretanto, ainda hoje, encontramos espaços que trazem salas “de aula”, com estruturas fixas que revelam uma linguagem espacial que remete a visão da criança sem autonomia, sem saberes próprios e que necessita da orientação de um adulto.

De acordo com Kishimoto (2019), ainda observamos escolas e espaços de Educação Infantil, como na década de 90, quando as brincadeiras tinham hora e local determinados e os brinquedos ficavam trancados dentro dos armários, onde o professor escolhia e determinava o seu uso. Essa descrição é comumente encontrada ainda hoje no interior da Educação Infantil. Para Camargo (2008), escolas que são organizadas dessa forma, desconsideram sua geografia, sua história, cultura e poder de atuação na infância de nossas crianças, tornam-se projetos-modelos elaborados para uma infância sem fala.

O espaço deve ser organizado com um olhar atento do educador, levando em conta o objetivo da Educação Infantil, para Horn (2004):

*O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e mó­veis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como inte­ragem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como pode­riam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (HORN, 2004, p. 15).*

Se nos recordarmos da nossa infância e dos espaços vividos e experimentados, logo podemos dar referências de sons, cheiros e locais, pois esses nos marcam profundamente. Portanto, qual a responsabilidade dos adultos na construção de espaços planejados para as crianças na educação infantil? E qual a necessidade de pensar em diferentes possibilidades de espaços e materiais, para construir ambientes de aprendizagem mais condizentes com a necessidade das crianças e possibilitar a sua intervenção no espaço, otimizando seu processo de construção de habilidades e autonomia? A partir desses questionamentos utilizaremos a contribuição da Geografia para a reflexão do espaço: para Santos (2008), sem a ação humana não há espaço, pois o homem que atribui vida às formas espaciais. Assim numa instituição de Educação da Infância são as crianças e os adultos que ao compartilharem esse espaço, atribuem conteúdo social, e quando agem sobre esse espaço estão recriando possibilidades e contextos sociais.

Nesse sentindo, é importante pensar que a criança deve ser agente transformador do espaço, pois para ela, é ele que propiciará a aquisição de conhecimento e interações com diferentes tipos de materiais, e ainda favorecerá ou não a relação entre ela e os adultos. Se mantermos espaços onde o adulto é o centro das ações pedagógicas e o mobiliário (mesas, cadeiras, lousa e armários de uso dos professores) é parte fundamental da organização, estamos indo de encontro a uma lógica tradicional que desconsidera o potencial investigativo da infância e constrói uma lógica social hierárquica que atribui a criança o papel de reprodutor social.

A Educação da Infância necessita o olhar cuidadoso para as crianças e suas necessidades, pois infelizmente ainda observamos espaços que são feitos por adultos e permanecem numa lógica da escolarização, da alfabetização e do “ainda ser”, onde a criança ainda não é sujeito de direitos e de escolhas, mas está sendo preparado pelo adulto. Precisamos questionar essa lógica e recriar novos contextos de aprendizagem e convívio dentro dos espaços de Educação da Infância. Para Thiago (2006) é preciso reconstruir os espaços:

*[...] é preciso oferecer espaços com propostas diferenciadas, situações di­versificadas, que ampliem as possibilidades de exploração e ‘pesquisa’ in­fantis. As crianças realmente ampliaram suas possibilidades de exercitar a autonomia, a liberdade, a iniciativa, a livre escolha, quando o espaço está adequadamente organizado. (THIAGO, 2006, p. 60)*

Esse projeto traz como questionamento as seguintes indagações:

- Como criar espaços de aprendizagem e convívio que possibilitem a interação das crianças?

- Por que criar esses espaços?

- Qual o potencial de aprendizagem na construção e experimentação de novas possibilidades de espaços e na utilização de uma diversidade de materiais para adultos e crianças?

- Como as crianças interagem e constroem narrativas diante de uma proposta que respeita suas necessidades e considera seus projetos e investigações?

- Como criar ambientes acolhedores, levando em conta o tempo de permanência da criança no ambiente escolarizado?

Após apresentarmos nossos questionamentos pretendemos elaborar uma justificativa que se baseie nos documentos oficiais sobre a Educação Infantil e as proposições feitas por autores e pesquisadores da área.

**JUSTIFICATIVA:**

Para iniciarmos as justificativas da construção e execução do projeto vamos recorrer as palavras de um dos idealizadores do trabalho nas creches e escolas de Reggio Emilia, pois ele traz uma síntese sobre a importância do espaço no projeto pedagógico, para que possamos nos inspirar:

“*[...] Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, promover escolhas, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva, cognitiva. Tudo isto contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.” (Loris Malaguzzi, apud Gandini, 2016, p.148).*

Após essa afirmação podemos contemplar a importância dos direitos de aprendizagem que estão descritos na BNCC, enquanto caminhos possíveis para nossas construções a favor da criança e da construção de sua aprendizagem e autonomia.

Podemos observar que os seis direitos de aprendizagem estão refletidos no potencial de desenvolvimento da criança e não no controle da escolha e seleção do adulto. Entendemos que esses devem estar apoiados numa tríade: tempo, espaço e materiais que sustenta o fazer pedagógico do adulto e é capaz de mobilizar situações de aprendizagem que contemplem a convivência entre pares e com os adultos, situações de brincar, momentos de participação ativa na construção do conhecimento, diferentes possibilidades de exploração e expressão; um movimento de construção da identidade, e de se reconhecer e perceber o outro.

Acreditamos que esse movimento pode ser feito diante de uma nova organização de espaço que seja pensada intencionalmente para o potencial de investigação da criança que tem através da organização e exploração, diferentes possibilidades de experiência que vão solidificar seu desenvolvimento. A partir do conceito de experiência de John Dewey:

Experiência é a ferramenta para os seres humanos adentrarem e examinarem continuamente a natureza; não é uma singela observação à distância dos objetos da natureza, mas sim uma forma de nos aproximar a ela, sentindo-a por completo.

A concepção de experiência em Dewey se sustenta com base nos seguintes aspectos: Toda experiência é uma situação: chamamos de situação a interação e as transações que ocorrem em condições ambientais determinadas segundo a qual um organismo que tem como identidade uma função vital produz para si uma síntese entre a coisa experimentada e o processo de experienciar.

Podemos perceber que as experiências se referem a momentos que são vividos e que podem ampliar a possibilidade de viver novas experiências, compreendendo que essas não são dissociadas do corpo, e das interações que a criança faz consigo e com o mundo. A BNCC apresenta nesse sentindo, cinco campos de experiência que contemplam as possibilidades da ação vivida pela criança, e que, como já dissemos, não pode ser dividida em disciplinas ou áreas do conhecimento pré determinadas.

Para Falco (2019), os campos de experiência não podem ser vistos como disciplinas ou pontos de chegada, mas que possibilitem aos educadores vislumbrar linguagens, habilidades, temas, materiais e outros fatores que guiem o seu planejamento e permitam que todas as crianças se desenvolvam de acordo com suas possibilidades e seus interesses.

Portanto, nesse projeto compreendemos que a tríade entre tempo, espaço e materiais, alicerça a ação do professor na elaboração de propostas que contemplem os diferentes campos de experiência possibilitando que as crianças elaborem seus próprios projetos e construam suas aprendizagens de acordo com suas necessidades e anseios.

Segundo Horn (2017) o espaço não é simplesmente um cenário na educação infantil, pois ele revela concepções da infância, da educação, do ensino e aprendizagem, que estão explícitos na forma como se seleciona e organiza os móveis, os brinquedos e materiais com os quais as crianças podem interagir. Essa organização, portanto, nunca é neutra, pois envolve um emaranhado de relações complexas. Acreditamos que o espaço na educação da infância tem papel integrante no currículo escolar e é parceiro pedagógico do educador.

A autora ainda aponta que:

*...a ação pedagógica descentra-se da figura do adulto e passa a ser compartilhada pelo desafio imposto pelo modo como disponibilizamos móveis e objetos, bem como os materiais aí colocados. Certamente deverá haver uma intencionalidade dos educadores na seleção desses materiais, tendo, como norte, as características do grupo de crianças, a sua faixa etária, a cultura na qual estão inseridas, suas necessidades e seus interesses e as diferentes linguagens a serem construídas. (HORN, 2016 p.20)*

Nesse sentido, a forma como se organiza o espaço será decisiva, pois quanto mais esse for desafiador e promotor de interações e mais descentralizado da figura adulta, maior potencial de aprendizagem significativa ele se configurará para as crianças. Apoiados nessa lógica, apresentaremos a seguir os objetivos do projeto para os seus atores (professora e crianças), afim de, sistematizar nossa intencionalidade e garantir aspectos de observação e registro das elaborações feitas por crianças e professora.

**OBJETIVOS PARA PROFESSORA:**

- Promover um espaço acolhedor de interação entre as crianças

- Disponibilizar diferentes tipos de materiais que possam instigar as crianças em seus projetos.

- Valorizar a expressão e interação da criança como forma de aprendizagem.

- Registrar momentos de interação e aprendizagem, documentando sua prática pedagógica e sua intencionalidade no processo de aprendizagem.

- Identificar e auxiliar os projetos das crianças como parceira do processo.

- Elaborar e experimentar diferentes formas de organização do espaço, tempo e materiais.

- Garantir espaços de brincadeiras acolhedoras.

**OBJETIVOS PARA AS CRIANÇAS:**

- Explorar as diferentes possibilidades de espaço, material e tempo.

- Brincar e vivenciar diferentes manifestações e linguagens da cultura.

- Conviver com seus colegas e interagir com os mesmos.

- Conhecer suas preferências e constituir-se como ser de direitos.

- Expressar suas necessidades e conquistas.

- Construir seus projetos diante de suas necessidades e curiosidade.

**AÇÕES PEDAGÓGICAS:**

Compreendemos que o projeto é centrado na construção e escolha ativa da criança, a professora se encontra no papel de mediadora desse processo, tendo como objetivo fundamental a organização do espaço e seleção dos materiais. Entretanto, entendemos a necessidade da documentação e avaliação desse projeto, como a legitimação da intencionalidade e a possibilidade de reflexão sobre a prática pedagógica. Dahlberg (2016), salienta que a documentação pedagógica tem o poder de tornar o trabalho pedagógico visível ao diálogo, interpretação, contestação e transformação. A autora argumenta que a documentação pedagógica:

*...promove a ideia da escola como um lugar de prática política democrática, permitindo que cidadãos, jovens e idosos envolvam-se em questões importantes, tais como a infância, o cuidado infantil, a educação e o conhecimento. (Dahlberg, 2016 p. 229).*

Realizaremos registros antes, durante e após as ações das crianças, sendo que os registros anteriores estarão pautados na elaboração da tríade (tempo, espaço e materiais), pela professora que suscitará diferentes desafios e possibilidades de aprendizagem para as crianças.

Durante a construção e elaboração das crianças em seus projetos a professora fará o registro semanal de todas as crianças através de fotografias e breves relatos sobre sua observação em relação a interação e aprendizagem da criança em seu projeto de escolha. Entendemos a complexidade desse registro e da necessidade de observação apurada da professora, que além de ser a parceira de cada criança em seus projetos, também terá que observá-los e registrá-los.

O registro posterior, diz respeito a reflexão das ações das crianças diante do espaço, tempo e materiais disponibilizados e possíveis modificações ou necessidades de interlocução da professora. Dahlber (2016), afirma que a documentação pedagógica nos permite assumir a responsabilidade por nossas ações e por nossa forma de criar significados, que contrapõe a ideia reducionista da avaliação tradicional, pautada em medidas e comparações e nos fornece um potencial da criação de significado, que ao invés de reduzir a complexidade das ações na Educação da Infância, se abre para que possamos trabalhar e aprender com ela.

**REFERÊNCIAS:**

CAMARGO, P. Desencontros entre Arquitetura e Pedagogia. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, ano VI, n.18, p 44-47, nov. 2008.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2008.

KISHIMOTO, T. M. Espaço, tempo e materiais para experimentar in KRAUSE, M.; VISHESSI, B. e SILVA, W. S. Carderno do Brincar – volume 2, Associação Nova escola, São Paulo, 1ª ed, 2019.

FALCO, M. A experiência como príncipio da Educação Infantil in in KRAUSE, M.; VISHESSI, B. e SILVA, W. S. Carderno do Brincar – volume 2, Associação Nova escola, São Paulo, 1ª ed, 2019.

HORN, M. G. S. Sabores, cores, sons, aromas*.* A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Ale­gre: Artmed, 2004.

HORN, M.G.S. Brincar e interagir nos espaços da escola infantil. Porto Alegre: Penso, 2017.

DAHLBERG, G. Documentação pedagógica: uma prática para a negociação e a democracia. In: EDWARD, GANDINI & FORMAN. As cem linguagens da criança. Porto Alegre, Editora Penso, v.2, 2016.

THIAGO, L. P. S. Espaço que dê espaço. In: OSTETTO, L. E. (Org.). Encontros e encantamentos na Edu­cação Infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2006, p. 51-62.

GANDINI, L. *Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal*. In: EDWARD, GANDINI & FORMAN. As cem linguagens da criança. Porto Alegre, Editora Penso, v. 1, 2016.